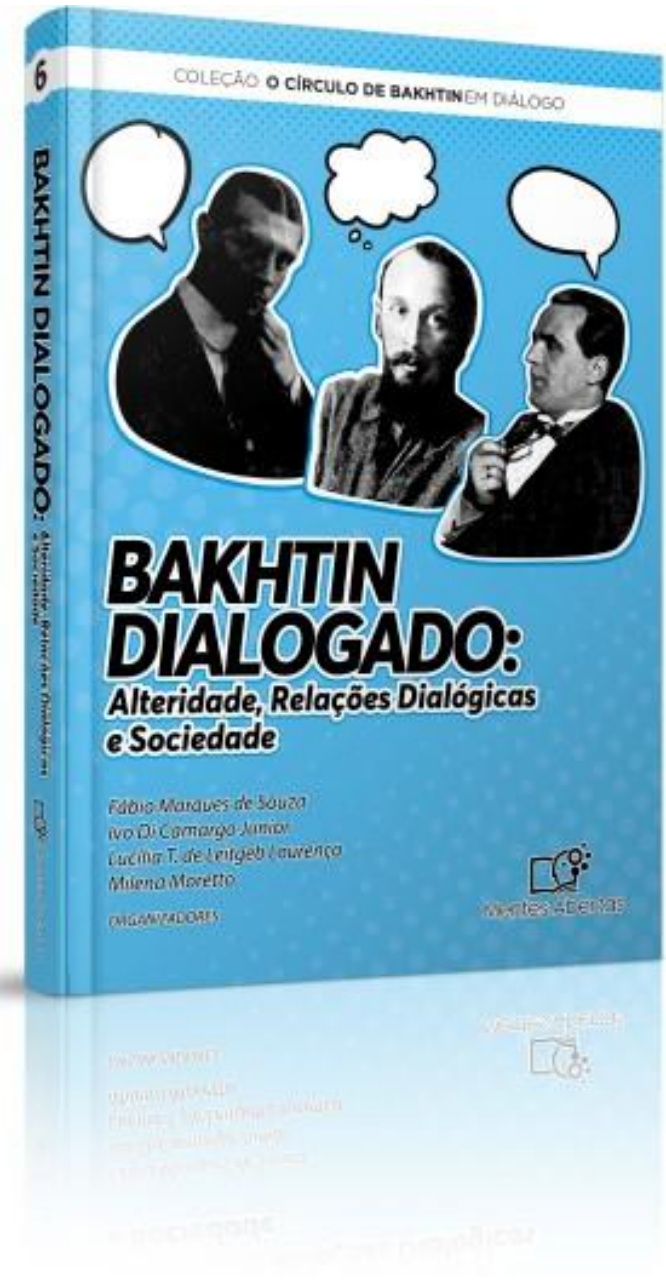




Referências

Fábio Marques de Souza; Ivo Di Camargo Junior; Lucília Teodora de Leitgeb Lourenço e Milena Moretto Vila [organizadores].

Bakhtin Dialogado: Alteridade, relações dialógicas e sociedade. São Paulo, Mentres Abertas, 2020, 260 p.

Bakhtin Dialogado: Alteridade, relações dialógicas e sociedade

Cód.: 1459D1E

O que dizer de Bakhtin e seus camaradas do Círculo para abrir este livro tão bem produzido? O que podemos afirmar é que Mikhail Mikhailovich tinha orientação marxista e fundamentalmente era embasado no materialismo dialético. Mas, o que isso quer dizer? Pela leitura que se pode fazer das obras do Círculo, percebe-se que Bakhtin e seus interlocutores tiveram uma compreensão do ser humano com sujeito histórico e fundado na cultura, com uma consciência umbilicalmente ligada à linguagem e com uma subjetividade intimamente tecida pelas relações dialógicas. Conforme afirmou Bakhtin/Volochinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “seus fundamentos não devem ser nem fisiológicos nem biológicos, mas SOCIOLÓGICOS” (2006, p.48, grifo do autor).

Assim, sabendo que o sociológico era caro para os integrantes do Círculo de Bakhtin, reiteramos que, para os integrantes deste livro, também é. Professores pesquisadores de diversos Estados brasileiros, das mais diversas universidades federais, estaduais, particulares, com professores de escolas públicas e privadas do Brasil, todos com o desejo de unir-se em uma voz que produzisse um livro capaz de atender aos anseios de pesquisadores exigentes e que mantivessem em alto nível os estudos bakhtinianos no país, com respeito ao estudioso que nele aventurar-se em pesquisa.

Sabendo da necessidade do outro para o processo de nascimento cultural, bem como explicou Bakhtin, este livro intenta a inserção em grupos sociais para promoção do diálogo, da alteridade, da aprendizagem e desenvolvimento de um humano mais forte, que busca no outro a sua razão de ser. Tornar-nos-emos mais fortes e realizados quando, na medida em que agimos em razão do diálogo, produziremos novos e melhores entendimentos em busca de uma vida mais plena de satisfação e entendimento, tendo, no caso deste livro, construído o intelectual humanístico.

Nos últimos quatro séculos, construiu-se uma ciência humana em que o sujeito está no centro. Por este motivo, os pesquisadores deste livro entenderam, como o auxílio do Círculo de Bakhtin, que é preciso descentralizar esse sujeito. O sujeito que afirma “Penso, logo existo!”. Se partir somente deste ponto, ninguém precisa de ninguém e esquece-se de que todos pensamos. O necessário é, como esta obra pretende demonstrar, aprofundar uma relação *eu-outro*, onde este eu é uma construção *do e para com* o outro. Não se colocar o eu no centro, de modo egoísta, e sim, construir um novo centro de valor, em que o outro terá relevância. Se produzirmos esse deslocamento, as relações de alteridade farão que tenhamos o ponto revolucionário que Bakhtin e seu Círculo tanto almejaram. O **eu** desloca-se e constrói como eixo no **outro** que é quem verdadeiramente vai me constituir. Ditadores e déspotas não aguentam uma teoria assim, que é libertária porque pensa no próximo. A alteridade é um conceito bakhtiniano revolucionário.

O que desejamos é que o leitor deste livro, apreciando e aprofundando-se em diálogos com os autores que tecem esta obra, percebam o quão Bakhtin e seu Círculo são revolucionários. A liberdade que se obter quando saímos da identidade e partimos para a alteridade, pois a identidade nos prende enquanto o outro nos liberta, porque a cada vez que ele me observa, ele vai afirmar para mim quem verdadeiramente sou. O outro me constitui e somente ele tem acesso de completude sobre mim, e eu dele, e assim, cada um pode ser melhor, porque tem, em alguém, a sua completude e não só em si mesmo. Por isto, convidamos ao leitor a ser o nosso outro nesses textos selecionados e perceber, com autores iniciantes ou aqueles que já tem familiaridade de anos com o Círculo de Bakhtin, que o outro sempre vai nos ver de uma maneira única, que nos tira de um lugar que é sempre o mesmo, finalizando com a hegemonia que nossa identidade nos mostra e tenta nos constituir. Venha ser o outro de nossos autores e assim, perceber que mudar o centro de onde se observa o mundo pode ser inovador, bonito e, essencialmente, fundamental para o novo ser humano que desejamos ser e o mundo tão necessariamente precisa.

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Fábio Marques de Souza; Ivo Di Camargo Junior; Lucilia Teodora de Leitgeb Lourenço e Milena Moretto Vila [organizadores].

Bakhtin Dialogado: alteridade, relações dialógicas e sociedade. São Paulo, Mentis Abertas, 2020, 250 p.

ISBN: 978-65-80266-51-7

1. Bakhtin. 2. Alteridade. 3. Dialogismo. 4. Sociedade. I. Título.

CDD 410

Capa: Lucas de França Nário.

Diagramação: Maristela Zeviani.

A Editora Mentis Abertas divulga os trabalhos acadêmicos presentes nessa obra e não se responsabiliza de maneira alguma por qualquer tipo de plágio, cópia ou citação indevida por parte de qualquer integrante deste livro e condena veementemente esta prática. Confiamos na idoneidade moral e intelectual de nossos autores. Portanto, qualquer responsabilidade legal neste quesito é de única e integral responsabilidade do autor.

DGP-CNPq-UEPB O Círculo de Bakhtin em diálogo

Este livro é uma produção vinculada ao Grupo de Pesquisa *O Círculo de Bakhtin em diálogo*. Liderado pelos Professores Doutores Fábio Marques de Souza e Ivo Di Camargo Junior, constituído em 2018 e cadastrado no DGP do CNPq/UEPB, o coletivo busca reunir pesquisadores para, de forma heterogênea, estudar, debater e expandir as ideias do círculo bakhtiniano em diálogo com outros pensadores: Morin, Freire, Vigotski, dentre outros, pensando questões contemporâneas na Linguística, na Educação, nas Artes, na Política e nas Relações Internacionais, dentre outros campos do saber.

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1559080456226740>



Mentis Abertas
www.mentisabertas.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
BAKHTIN E UM ADMIRÁVEL NOVO MUNDO	
<i>Ivo DI CAMARGO Jr</i>	
DISCURSO NA VIDA E DISCURSO NA ARTE: UMA LEITURA DIALÓGICA	11
<i>Sônia Regina Constante BARATELA</i>	
MIKHAIL BAKHTIN POR UMA INICIANTE IDEIAS E DIÁLOGOS	15
<i>Janaina Indaiá ZANCANELLA Belan</i>	
<i>Jayr Junior BELAN</i>	
CULTURA POPULAR URBANA-ORTEÑA Y LOS APORTES DE BAJTÍN	19
<i>Marco CHANDÍA Araya</i>	
ESTUDOS DA LINGUAGEM E MIKHAIL BAKHTIN: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA	35
<i>Ivo DI CAMARGO Jr</i>	
<i>Fábio Marques de SOUZA</i>	
O CÍRCULO DE BAKHTIN EM (MAIS UM) DIÁLOGO: O MUNDO DA MODA E A CULTURA DOS MEMES	41
<i>Geraldo Donato FERREIRA</i>	
<i>Otávio BUFFONI</i>	
A AUTORREFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA ÁRABE	51
<i>Moná Mohamad HAWI</i>	
<i>Samir Mustapha GHAZIRI</i>	

(inserido na sociedade), que fala e exprime a si mesmo por outros meios" (BAKHTIN, 2003, p. 319).

Isso leva a crer que o humano é algo feito da mistura, do sonho, quimera, do diálogo que leva ao dialogismo bakhtiniano, da interação com outros sujeitos. Dessa forma, pede-se a permissão para o novo humanismo centrado no homem seja objeto de pesquisa. O homem é o novo projeto de estudos. Devemos buscar a relação que existe entre a linguagem e a atividade humana. Este é o nosso ponto de vista defendido neste artigo.

Tudo isso leva a crer que Bakhtin pensara em um mundo globalizado em comunicação bem antes de ele ocorrer, com o advento da internet. Bakhtin trabalhava a questão do grande tempo para explicar uma linguagem interacional que a todos atingiria e que vinha do passado e seguiria adiante no futuro e seria inevitável. Com isso, finalizamos essa leitura inicial com uma citação fabulosa do mestre russo.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez para todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
CLARK, K; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

CULTURA POPULAR URBANA-PORTEÑA Y LOS APORTES DE BAJTÍN

Marco CHANDÍA Araya¹

La amplitud de los estudios culturales permite hoy acercarse con mayor claridad a una noción sobre cultura popular. Crea un campo de disputas donde sufre una resemantización adquiriendo lo popular un especial valor. Valor sin embargo aún insuficiente para abordar la realidad que sobrevive en ciudades-puertos ubicados en la lonja del Pacífico Sur Último, desde Buenaventura hasta la Patagonia chilena².

Será, pues, desde la idea de cronotopo rabelesiano de Bajtín, que resulta plausible proponer un marco teórico que permita delimitar dicho concepto. En principio como fenómeno móvil y en un diálogo tenso y permanente con los sectores hegemónicos que no desaparece, según Bajtín, bajo el paradigma moderno, ya que se transforma adaptándose dúctilmente. Desde una interacción conflictiva con el poder, lo popular hace suya una forma de vida resistente y subversiva frente al racionalismo monolítico occidental. Se contraponen frontalmente proponiendo, en América Latina, un *ethos* otro que desde la diferencia rescata el pasado para aportar una alternativa en desarrollo.

Pero, como no existe una esencia sino una realización real y concreta, la vida popular se llevará a cabo en el espacio-tiempo de la plaza pública del puerto. Su cosmovisión no recobra su sentido sino en el cronotopo del *ágora*³.

Para Mongin (2006, p. 100), siguiendo a Arendt, se trata de una puesta en escena "común" que permite que todo ciudadano multiplique las ocasiones de adquirir la "gloria inmortal" ligada a la acción y por eso mismo de hacerse ver por los demás, en palabra y en acto, a fin de distinguirse. La pertenencia a un mismo cuerpo da

¹ Prof. Dr. Literatura latinoamericana UPPA, Campus Abaetetuba/PA. E-mail: marchochandia@gmail.com

² Buenaventura, Esmeraldas, Guayaquil, Chimbote, El Callao, Valparaíso, Talcahuano y Punta Arenas componen espacios representativos de un universo de resistencia ligado a un habitar porteño y de donde surge una *poética de la frontera subpanameña*. (CHANDÍA, 2013).

³ La plaza como epítome de las representaciones del mundo popular porteño (CHANDÍA, 2014).

vecindad¹⁴. Pero el cuerpo se agota y entra en receso. Necesita reponerse para renacer otra vez.

Ando con el cuerpo malo
con una sed que me mata
y lo peor que pa' arreglarlo
no hallo donde sacar plata.
[...]
Y pa' mayor desdicha
ando tan pobre.
No dan ni un cobre, ay si
yo me derrito
por un caldo picante... (CHANDÍA, 2013, p. 73).

En la frontera popular porteña se mantienen las llagas de un cuerpo estropeado, humillado y pisoteado, pero vivo, festivo y alegre. Este espacio de esparcimiento homologa todos los cuerpos de todo lo porteño-popular. La plaza como metonimia del cuerpo y de la historia de su pueblo. Como cuando la plaza Echaurren de Valparaíso fue sitiada por el golpe militar de Pinochet en 11 de septiembre de 1973. "Ese día estábamos vacilando y de repente siento unos balazos y bajo a la plaza y veo que está lleno de militares armados... De ahí nos fuimos todo' a esconder" (CHANDÍA, 2013, p. 97), recuerda Cojo Lucho.

Por ella pasan y en ella se reúnen a diario la más heterogénea multiplicidad de seres. Como la prostituta cuyo cuerpo es testimonio del placer sexual como también del dolor de la pobreza marginal que agrede a las mujeres. Es el espacio de la ambivalencia y los contrastes que no son dicotomías irreconciliables. La vida y la muerte en todas sus expresiones acá se hacen presente. La plaza representa el texto polifónico, el lugar por excelencia del diálogo bajtiniano.

Se trata de un dialogismo que promueve una lógica otra, la del carnaval, es decir, un diálogo que no puede ser entendido sin la estrecha vinculación a este contexto asociado al cuerpo grotesco y carnavalesco. En este mismo orden, la plaza representa el tránsito a

¹⁴ El banquete popular es la gran comida. "La poderosa tendencia a la abundancia y a la universalidad está presente en cada una de las imágenes del beber y el comer que nos presenta Rabelais, y determina la formulación de estas imágenes, su hiperbolismo positivo, su tono triunfal y alegre". (BAJTÍN, 2002, p. 250).

cada una de las prácticas humanas más elementales porque los placeres del carnaval no son los meros placeres de la charla, sino los de un discurso que ha descubierto de nuevo su conexión con lo concreto.

Pero la cultura popular no sólo se recrea en esta frontera que viene a ser el último reducto de su cada vez más socavada existencia. En la plaza también se crean los espacios necesarios de resistencia. En la medida que esta cosmovisión popular mantiene sus rasgos grotescos, construye a su vez tácticas de resistencia que le permiten seguir viviendo¹⁵. Actuando como cuerpo social y colectivo, como pueblo, unido al complejo sistema de la vecindad primitiva.

Referencias

- ADVIS, L., ed. 'Nano' Núñez. *Poesía Popular*. Santiago de Chile: SCD, 1997.
- BAJTÍN, M. *Teoría y estética de la novela*. *Trabajos de investigación*. Madrid: Taurus, 1989.
- . *La cultura popular en la Edad Media y en el renacimiento. El contexto de François Rabelais*. Madrid: Alianza, 2012.
- . *Problemas de la poética de Dostoievski*. México DF.: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CERTEAU DE, M. *La invención de lo cotidiano. 1 Artes de hacer*. México DF. Universidad Iberoamericana, 2000.
- CHANDÍA ARAYA, M. "Lo activo, lo cíclico y lo contemplativo en el estudio del fenómeno urbano latinoamericano". En *Index. Revista de Estudios Literarios y Culturales*. Vol. 1 Núm. 1, 2014, 10-27.
- . *La Cuadra. Pasión, vino y se fue... Cultura popular, habitar y memoria histórica en el Barrio Puerto de Valparaíso*. Santiago de Chile: RIL, 2013.
- DARÍO, R. *Azul... Cantos de vida y esperanza*. Madrid: Espasa, 1994.
- HÖLDERLIN, F. *Hiperión*. Madrid: Gredos, 2003.
- MONGIN, O. *La condición urbana. La ciudad a la hora de la mundialización*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- THOMPSON, E. P. *Costumbres en común*. Barcelona: Crítica, 1995.

¹⁵ Una sociedad, dice de Certeau (2000, p. 26) que privilegia el aparato productor va a contar siempre con elementos que jugarán en su contra, que no se reducen a ella. Son "el arte débil", tácticas, furtivas y azarosas, pero poderosamente subversivas insertas en una sociedad mecanizada que, como diría Foucault, vigilan y castigan. No obstante, la habilidad con que estas sociedades marginales hacen suyas las tácticas subversivas en la gestación, la adquieren como prácticas milenarias a partir un vigoroso saber ancestral. En efecto, se trata de un capital cultural de carácter popular cuyo elemento determinante es la relación indisoluble, recíproca, entre hombre y naturaleza.